



## OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Galato do Porto—Paço de Sousa  
Vales do Correio para Cete—Preço 1000

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 628—Porto  
Visado pela Comissão de Censura

### Um episódio

ENCONTREI há dias em Lisboa um que foi do nosso Lar de Coimbra. Bem instalado na vida, quiz dar-me 500\$00 para a *Obra da Rua*. Conversámos e ficou assente que ele faria remessa directamente, com pedido de entrega, aos rapazes que primeiro se case. Assim se fez. O rapaz cumpriu. A carta dizia: *é para o Simões que vai casar este ano.*

Antes quiz assim: oferta de rapaz ao rapaz. Experimentou-se o zelo do amigo; é mais fácil entregar do que enviar. Ele enviou. Procurou o vale do correio. Preencheu. Escreveu a carta. Amou até ao fim.

Este rapaz fôra condenado a pena maior, a qual foi cumprir em um Reformatório, por ser de menor idade. Mas acontece que lhe chegou o limite de permanência antes de ter a pena cumprida. Que fez a lei? Mandou-o para uma cadeia. Que fiz eu? Fui lá busca-lo.

Lembro-me como se tivera sido ontem. Apresentei-me na cela do condenado e as grilhetas caíram!... Passamos um guarda, outro guarda, outro guarda. O derradeiro quiz galhofar e obrigou-me a ir atrás por qualquer documento. Fui. Iria de rastros. *Caminha mais mil passos, se te fizerem andar com por minha causa.* Estava ali a aplicação. Eu era o discípulo do Mestre, por isso caíram os grilhetas do condenado! O *guardasinho* gozou fartamente; eu mais, por razões diferentes. Quem é que conhece a alegria daquelas horas? *Gaudete!*

Este vale de 500\$ é primícia. Por ora não. A obra nasceu ontem. Os obreiros são de terra idade. Por ora não. Mas tempo virá em que eles hão-de ser os principais. Só duvida quem não conhece. Já deu sinal a trombeta lusitana: *Eu não esqueço que já beneficiei. Dentro do que me for possível, hei-de sempre contribuir.* Assim diz a carta, datada em a cidade maior da nossa terra, a 10 de Setembro do ano que corre.

Aqui há tempos, como é sabido, um dos nossos declarou na presença de Ministros da Nação, que anda a tirar um curso superior, para o oferecer, e a si, à obra. Afeitos a discursos, os nossos ministros nunca ouviram estas verdades.

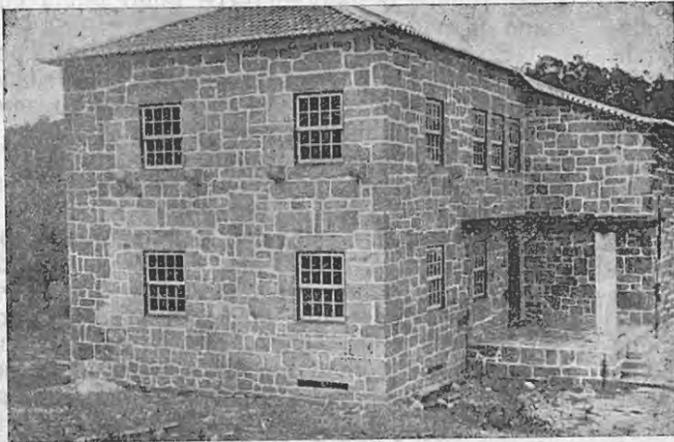
Disse o dos 500\$ que beneficiou da Obra e deseja retribuir na medida das suas posses. Beneficiou pouco. Outros há em Portugal, que sem necessidade de permanecer na Obra, beneficiam dela muito mais. Que fazem eles? Cuidam esses tais que tudo lhes é devido e eles não devem nada! Guardar-lhes a fazenda, manter-lhes o respeito, garantir-lhes visinhos são,—tudo. E eles,—nada! Cegos a conduzir cegos, aonde vão todos cair? Pois que fiquem no barranco a esgrimir, e que se levante o rebotalho, com humildade.

Hão-de ser os meus filhos de hoje; a obra há-de ser continuada e mantida por eles.

As dores de parto são minhas. Alguém tem de ser vítima. Coube-me a sorte a mim. Mas já trabalham no Porto os que hão-de amanhã dizer: *hei-de sempre contribuir.*

Nem a Igreja, nem o Povo, nem o Estado. Nem peditórios, nem subscrições, nem heranças. Eles. *Obra deles, por eles, para eles.* É muito importante esta divisa. Não é um rotulo. Não é um nome. É uma ideia que sangra.

Vamos, porventura, divinizar a poeira dos caminhos? Não senhor. Tudo nomundo é poeira. *Tu solus NRO simus. Tu solus altissimus, Tu solus altissimus. ultis* vamos divinizar; vamos mas é dignificar.



Casas silenciosas, fagueiras confortáveis. Casas que chamam pela gente! São duas numa. Os rapazes do andar fundeiro, entram pela porta do alpendre. Os do cimeiro, pelo lado oposto. É lindo de manhã cedo, observar de como as famílias saem de suas casas, para os seus trabalhos, alegres, descuidadas, confiantes. Ontem perdidos!

## FÉRIAS UM PEDIDO

As avessas de todo o mundo, comecei as minhas quando os mais acabam; foi na derradeira semana de Setembro. Era em uma toca, muito pertinho da nossa aldeia, de onde não via, mas sabia tudo quanto se lá passava.

O Ernesto foi mais eu. Levamos um cesto com batatas, nabijas, azeite e farinha de milho para papas. A casa é entre pinheiros, com um jardiminho á porta. A cosinha tem lareira por fogão, por bancos o preguiceiro e a masseira faz de mesa. Vai-se por água à fonte e a luz é de candeias. Gosto da luz da candeia. Duma vez, deram-me uma na casa aonde dormia. Pendurei-a longe da cama e ficou acêsa até se consumir. Quantos monumentos à luz da candeia,—quantos!...

Manuel Bernardes, Imitação de Cristo, Divina Comédia. As horas dos Mosteiros eram rezadas à luz de azeite. As nossas avós, faziam camisas tão lindas, com chaves a abrir corações, a linha de marcar! Era a candeia de azeite.

Foi a primeira luz da terra; que o digam os arqueólogos, quando desenterram lucernas.

A lucerna vem nas parábolas do Evangelho. Ai dos desprovidos de azeite quando o Esposo chegar! A vigilância interior do cristão, é semelhante a um homem que tem na mão a candeia acêsa, em riscos de se queimar, se não vigia.

Os nossos rapazes faziam carreira de formiga; um dia contei dezoito! Vinham matar saudades. Tinha sempre dois ao jantar por convite especial.

Lembro-me de ter sentado à mesa o *Fala Grossa*, o *Pastelão* do refeitório e o *Pastelão* da rouparia, o *Piolho*, o *Staca*, o *Amandio*, e o *Amadeu*, o *Gari*, e o *Daniel*, e muitos mais que se não dizem para não cansar a vista dos leitores.

Como o *Pépe* e *Rio Tinto* andam zangados, convidei-os mas não deu faísca; apareceu só um! Tenho de usar outros meios. Temos de ser amigos como cristãos. Uma comunidade aonde há *santos*, tem de ser perfeita. Sim senhor; santos.

Nós temos cá o *santa da lenha*, e o *santa da erva*, qual deles o maior.

O Zé Sá ateiemo em trazer um dia os *Batatas*. Deixou-os na cosinha com a obrigação de debulhar feijões de uma grande cesta, e lá ficaram os dois *Batatas* muito socegadinhos, muito silenciosos, e muito aplicados, à sua obrigação. Zé Sá foi-se embora. Daí a pouco apareço eu na cosinha. Oh desastre! Só visto!

Os *Batatas* tinham ido às azeitonas, ó figos, ó pão, e ó vinho doce, coisas estas que se encontravam sobre a mesa! Está tudo dito.

Ele é um bocadinho sujo. É um porco. Pede-se aqui hoje um porco. O andaço que por aí passou há tempos deixou-nos à mingua e nas feiras pedem um rôr de dinheiro por eles. Quem pode? Ora eu lembrei-me dos nossos leitores de quem ou além Tejo. Uma grade forte, um porco lá dentro, um letreiro a dizer *Casa do Gaiato*, despacho para a estação de Cete, guia dentro de um envelope dirigido ao Assistente, da Obra, Paço de Sousa, e pronto.

O resto fica tudo à nossa conta... e damos conta.



Quem se não há-de rir ao vêr estes sorrisos?! Saem de alma, por isso se comunicam.

Descalços, sim. Bem me custa, mas tu assim queres... Como se eu fôsse capaz de calçar chusmas e chusmas, por mim só!

O de calção preto, é o Zé Eduardo. Foi há dias para o Lar do Porto, como então se comunicou. De mala feita e roupa nova, vem ter comigo a chorar: «não tenho sapatos». Tinha, mas perdeu-os. Cabeça no ar até à derradeira hora!

# CANTINHO DOS RAPAZES

O *cantinho* de hoje é expressamente dirigido à comunidade do Lar do Porto, escola de formação pelo trabalho de muitos que andavam perdidos e hoje, ali, encontram-se.

Ontem saíram de Paço de Sousa os derradeiros da lista dos indicados este ano como trabalhadores na cidade. São eles o Zé Eduardo mai-lo Prata. Deste ultimo, não tenho receios. Sei que ha-de dar muito boa conta de si, pelas provas ótimas que deu. Ele foi por muito tempo o chefe da copa. Quem é fiel nas coisas pequenas, não falta às grandes. Ora o Prata foi sempre irrepreensível. Nunca compareceu em *tribunal!* Outro tanto não posso dizer do Zé Eduardo e é para ele, para o Zé Eduardo, que eu vos peço muito carinho e muito interesse. Ele vai tomar conta da pequenina contabilidade das vossas férias e ordenados, assim como da expedição do jornal. Também vai cursar a Escola Comercial. O Zé Eduardo é fraco de espirito, muito sujeito a distrações. As coisas exteriores teem um grande poder sobre ele. Nada me admiro se ele ficar pasmado diante das montras e assim perder as horas escolares. Ora é neste ponto que eu espero cada um de vós tem de procurar ser amigo. Ser um amigo de Zé Eduardo, pelos bons conselhos. Assim o espero.

Meus filhos, vós sois a luz. Até aqui andava tudo às escuras. Ninguém sabia que aquêlê garôto das *pontas* e dos assaltos nas ruas, pudesse vir a ser, nas mesmas ruas, um rapaz limpo e brioso. Ninguém sonhava. Hoje sim. As casas aonde trabalhais dão testemunho. Vós sois a luz. Vós sois mais; sois uma supplica. A vossa vida e porte no meio do povo, pede Lares. Um Lar, continuação racional e humana das obras de assistencia à a criação sem familia.

Já andamos à procura de uma casa maior. Esperamos que, a exemplo do Lar de Coimbra, também o vosso maioral seja eleito no próximo Janeiro, em vez de nomeado, como até aqui tem sido. Eleito por vós. Escolhido por vós. Amado e querido por cada um. Assim acontece em Coimbra.

Nós temos, ainda um pensamento muito grande: valorisar as colónias com o vosso trabalho. Mas isso não cabe dentro de um homem. Por si mesmo, não há quem tenha forças para tanto. E eis porque lançamos mão desta ideia mais humilde; a criação do Lar do Porto, até vêr.

## OUTRA CARTA

Gosto muito desta cartinha, pelo seu magnifico equilibrio. Dá aqui umas pancadinhas muito bem dadas e faz umas considerações muito bem feitas. Ora queiram ter a bondade de ler:

*Por vale do correio deve receber a importancia de 500\$00 para pagamento de dois anos de assinatura do jornal «O Gaiato».*

*A formidavel obra social que V. empreendeu; a experiencia magnifica que se está realizando em Paço de Sousa, bem merece a ajuda e o carinho de todos nós. Pena é que uma obra de tal magnitude não tenha das entidades officiais, ainda mais e melhor ajuda do que a que tem tido; ou que os olhos dos nossos capitalistas não tenham ainda incidido com mais curiosidade e mais atenção para o que se está passando nessa Aldeia dos Gaiatos.*

Evidentemente que a *Obra da Rua* não se valorisaria com a *melhor ajuda das entidades officiais*; muito menos com os olhos dos nossos capitalistas. Não. O seu mérito vem de dentro. Não depende de maneira nenhuma de auxílios exteriores. Mas a verdade é que entidades officiais e capitalistas poderiam valorisar-se um nadinha *olhando ainda mais e melhor* para esta coisa nova que se levanta em Portugal.

Quanto a mim, tomo as coisas como elas são e faço o melhor que posso. A assistencia das entidades officiais, sai toda do decreto que se cumpre segundo a letra. Não tem espirito. Não pode te-lo; é um decreto. Quanto ao capitalista, cada um é senhor daquilo que é seu, e está tudo dito. O direito de propriedade é intangível. Com injustiças, ninguem pode fazer justiça.

Sei de um, que tendo de dar baixa ao hospital, procurou munir-se de um atestado de pobreza! Outro, tem o costume de chamar a casa o adeleiro e negociar os fatos do seu uso! Que fazer? Supor-talos.

# MIRANTE DE COIMBRA

A' procura dum dos nossos rapazes internado no Hospital, fui dar de frente com um pobre alentejano.

## Pior que um pêrro

Já informado do nosso modo de vida, abre conversa e desabafa como se fôssemos velhos amigos. (Há doenças mais fáceis de curar com dois dedos de cavaco que com tantas drogas que a papeleta prescreve).

«—Sofro do estômago vai para vinte e dois anos, mas só agora resolvi fazer uma operação.

Mas então não tinha lá, mais perto de casa quem fizesse o tratamento?

- E' que aqui os médicos tem mais fama e... sempre é mais barato. Para quem é pobre como eu...

Homem, você é do Alentejo e também sofre desse mal?

Que quer: toda a minha vida trabalhei por conta dum rico proprietário e tanto tenho hoje como quando nasci.

E se poupasse um pouco, não lhe seria possível adquirir ou arrendar alguma propriedade?

Oh! eu bem queria plantar umas couves ou qualquer coisita melhor, para o meu estômago, lá no cantinho duns *vais*, mas quê?

E' *prós meus gados*—dizem eles! Ele são cinco mil dez e vinte mil cabeças!

E apertando o estômago ainda ponteado, com ambas as mãos, acrescenta em tom resignado:

«*Já um home vale menos que um pêrro!* E' isto Snr. Padre, que magoa o meu coração.»

Noutros tempos havia uma lei que proibia a subdivisão do terreno em nacos pequeninos; ora, no meu fraco entender, achava melhor que esta lei fosse substituída por outra que proibisse a ilimitada acumulação de terreno. Assim a terra, que foi criada para os homens bastaria para os *nostros irmãos*, embora viesse a faltar *aos meus gados*.

Pobres, doentes, vadios, esfaimados — tanta miséria. E' um eterno recommear. Só um dia tive a sensação de alívio quando ao chegar à Estação Nova não encontrei nenhum dos habituais moicanos. Estavam todos, nessa altura, nas colónias de férias. Mas foi sol de pouca dura. As ruelas são viveiros de maltrapilhos. Nem podem deixar de o ser.

## A hora de Deus

Volto agora do hospital. São onze da noite. A rua está quase deserta, mas as tabernas estão à cunha. Vem de lá uma baforada mefítica; ouço distintamente a baixeza da conversa. Tudo ali é reles. Entro em casa, triste, a pensar na quase inutilidade dos nossos esforços. Por um vadio que tiramos da rua, os prostibulos, as tabernas, cinemas, os divórcios, despejam nela constantemente dezenas de vítimas. Ainda tive a veleidade de tomar nota de todos os que precisavam dum abrigo como a Casa do Gaiato. Baldado esforço: se precisassem como na história de Frei João Sem Cuidados, mandar tapar todos os rios para saber quanta água tem o mar... E os rios da imortalidade são tão caudalosos! O mal vem de longe e não é a Casa do Gaiato que resolve todo o problema.

Consola-nos a sementeira da doutrina que vamos fazendo aqui na própria mansarda do pobre. Já não é pequena a recompensa quando conseguimos que ele adormeça tranquilo, com a sua consciencia em paz.

Ainda há pouco passei pelo casebre do Daniel tuberculoso, vítima, como tantos outros, da fome lenta. Está na espinha, todo ferido. Deixa a mulher e filhos com a herança que ele mesmo recebeu: as estrelas do céu e o ar que respira, mas há resignação naquela familia:—padre bem vê a nossa miséria mas tenho uma alegria, ele está *preparado para a hora de Deus*.

Não caíram no deserto as nossas palavras sobre a bolsa de estudos. Na volta do Correio chegaram-nos noticias de um *padrinho* de Vieira do Minho e duma *madrinha* da Cova da Iria.

Duas bolsas é demais, este ano. Ao padrinho peço o favor de guardar a sua generosidade intacta até ao próximo ano em que contamos ter mais afillhados.

Senhora Anónima de Fátima: o vale chegou inteirinho. E quanto às perguntas, respondo gostosamente:—tudo como deseja; chega até ver. Que Deus e N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> de Fátima lhe paguem na medida que para nós mediu.

20\$ de Matozinhos, 50\$ de Figueiró dos

# Nota da Quinzena

Foi na derradeira semana de Setembro que resolvi retirar-me da «aldeia» em gôso de *merecidas* férias, como diriam os amigos da obra se tivessem de falar delas. Era em uma tóca para esse fim cedida, aonde passei dias regalados.

A actual lotação da Casa encontrava-se excedida por alguns numeros. Os professores ausentes. A suprema vigilancia foi dada a... a um cego de nascença, mestre de canto coral! Era tardinha, quando me despedi. Pois nessa mesma noite, o Carlos Inácio, em acto de comunidade, tomou a palavra para dizer aos companheiros, expontaneamente esta coisa assombrosa: *Devemos portar-nos melhor na ausencia de fulano (eu) do que na presença, para ele (eu) ter férias tranquilas!* Este rapaz tem 14 anos de idade! Pelos frutos é que se conhece a arvore. Não pode uma arvore sã dar frutos maus.

A vida decorreu com aqueles accidentes normais e necessários em uma casa de 135 almas. Visitantes de toda a hora observavam, maravilhados, a ordem mais desorganizada do Império português. Esteve um grupo do corpo docente de um dos principais institutos de educação da nossa terra. Viram com os seus olhos. Gostei de saber da presença deles. Demoraram duas grandes horas. O Zé da lenha indicou.

A verdade vê-se; não se mostra. Os que ateimam em não vêr sofrem por isso sim, mas, não a podem diminuir.

Tal na ausencia qual na presença, os farrapões de outrora vivem em vida plena, no dominio de si mesmos, banhados de sol e de alegria. *De onde vens?* perguntava o grupo dos docentes, aos mais pequeninos, que acudiam ao tóque da merenda.

—De onde vens tu?  
—De trabalhar!

Que o mundo responsavel pela educação das juventudes, leia com muita humildade esta nota da quinzena. Basta que a leia com tanta como aquela com que é escrita. Quem se arroga o titulo de educador, não é, por isso mesmo um educador. Aqui há tempos, alguém desancou-me pelos metodos da Casa do Gaiato e chamava-se a si mesmo *educador!* Uma pintinha de humildade, leva-lo-ia num instante a compreender, que não educa quem não fôr pai. Que preparação tenho eu? Aonde é que estudei? Que tenho eu lido? Se não amas a criança, aonde o que lês? Que é do que estudas? para que presta o metodo? de que te serve o titulo do *educador?* *Eu cá sou um educador*, dizia-me na carta o *homensinho* que me deu a ripada! Tenho pena dêle!

Vamos ao Evangelho. Como é que o Mestre educava os do seu colégio? Como eles não haviam de ser rudes e difíceis, ao que se vê nos textos! Que fazia Ele? Mandava-os sentar ao pé de si, muito pertinho, e dizia-lhes que estivessem à vontade. Nas ofensas pessoais, (pode sair alguma coisa de jeito de Nazare?), nas ambições desmarcadas, (da-me a tua direita) nos desejos de vingança (manda o fôgo de Gomorra sobre esta gente). Em todas estas deformações da gente da rua, o mestre curava cada um de sua maneira, mas a todos com o mesmo remédio. Qual? *Amava-os*. Eis.

Mandava-os comer. Oh! sciencia! Quando tenho alguma observação importante a fazer a um dos nossos, primeiro convido-o a jantar comigo, pertinho de mim, à minha direita, e depois falo. Ele escuta e cumpre, a menos que seja um perverso.

Pois como é que se selam os grandes tratados nacionais e internacionais senão com um *banquetinho*.



## Este numero foi visado pela Censura



Vinhos, 50\$ dos arrabaldes de Miranda e duas galinhas. Mais 100\$ e mais 100\$ da mesma proveniência.

**Pelo Correio** 10\$ de visitantes; 100\$ na Rua; 60\$ no Hospital. Um alqueire de milho da Trémoa, e roupa usada 100\$ para o leite da Casa do Gaiato.

27\$ de subscrição de operários visitantes.

100\$ de um amigo intrépido; 50\$ de Leiria 100\$ de Cantanhede; 100\$ de Coimbra, 30\$ do brasileiro.



# Notícias da Casa de MIRANDA

por JOÃO CARLOS E IRMÃO

Estamos hoje os dois a fazer esta crónica. O João dita e eu escrevo. Foi o caso que estando o Manuel Pedreiro a atirar pedras aos pardais com uma fisga, pediu licença e fez pontaria para o Lisboa. A pedra foi mesmo bater em cheio num dos olhos. Foi logo à bica lavar o sangue a chorar, julgando que ficava cego. Felizmente o perigo passou. Já está a ver quase como dantes.

O Manuel pedreiro, também ficou tão triste que partiu logo a fisga e andou todo o dia a chorar com o mal que ia fazendo.

A nossa vindima correu com muita alegria. Ao menos nesse dia todos se fartaram de cachos. Só tivemos pena que o nosso Pai Américo não assistisse. Alguns comeram tanto que rebolaram toda a noite e seis ainda vomitaram.

O fala-barato até parece uma metrelhadora das que disparam três mil tiros por minuto. As balas dele são palavras.

Ontem à noite o Sr. Professor avisou-o para ele estar calado mas não havia meio. Mas apenas viu a cana na mão, começa logo a chamar:—Snr. Professor, snr. Professor! olhe que eu não gosto nada disso! Apenas ele voltou costas, vai logo assim: olha se eu apanhava! olha o pau!

O Sérgio foi a Paço de Sousa à vindima. O Snr. P.º Américo tinha-lhe prometido há muito, mas o Sérgio não se esqueceu.

Foram também daqui ao Porto quatro dos mais crescidos para ouvirem umas conferências. O Pedro também foi, mas com muita graxa.

Há dias fugiram os três meninos da cozinha. Combinaram à hora do recreio e meteram-se pela linha fora e chegaram a Coimbra às oito e meia. Já era de noite. Um rapaz conheceu-os e levou-os ao Lar. No dia seguinte de castigo voltaram a pé pelo mesmo caminho e à noite houve tribunal. O passeio ficou-lhes caro.

Hoje de manhã foram para Coimbra três meninos vender o Gaiato. Por pouco não podiam ir por falta de calçado. E' uma pobreza, já se acabaram os do desemprego.

E as meias? Sumiram-se todas que foi um ar que lhes deu por causa das bolas.

Cada um queria uma bola e agarrava numa.

irmãos. Deseja que a herança seja dividida entre muitos: *Ele é muito necessitado.* Não dá fé do brilho que de si mesmo irradia, só porque é filho espiritual de uma Obra de Amor: *Esta mulher veio pedir-me para que ele entre.* Foi direitinha a uma creança de 14 anos sem dar fé, também, a mulher, da Luz imensa que dele nasce. Oh! Senhor Jesus; Luz do Mundo! Tam fácil conhecer-TE quam difícil ignorar-TE!

Aqui temos três pontos de uma meditação sólida, verdadeiramente cristã. Haja quem medite.

## De como tem sido a venda do periódico mais falado e mais lido e mais pequeno de todos

O facto de não se dar a notícia da venda com regularidade; não quer dizer que ela se não faça regularmente; é que falta muitas vezes espaço. Em uma obra desta natureza os acontecimentos sucedem-se e são muitos a produzi-los. Só um *Times!* Ora por isso teria de reduzir às notícias para aumentar o espaço. Eis.

A derradeira venda foi das mais atestadas de que há conhecimento na história da nossa vida;—2361 jornais com 790\$00 de acréscimos. Para reforço dos vendedores do Lar do Porto, foram 3 *estrêlas* de Paço de Sousa. Eles recebem instruções de véspera e no dia seguinte, à hora do combóio, estão rentes na estação. Tomam o cuidado de acordar por si mesmo ou de pedirem a outros que os chamem. Obra deles, por eles, para eles.

A primeira notícia grave e triste que hoje damos à estampa, é que o Oscar pouco tempo se gozou da camisola amarela. Vai actualmenie às costas do *Piolho*, que é o Fernando de Coimbra. Vendeu 200 no Porto e 100 na Póvoa, contra 158 no Porto e 100 em Espinho, que foi a venda do antigo laureado. Para mais desgraça, o rapaz esqueceu-se do nome da rua de um senhor que lhe ofereceu de jantar em Espinho, e rapou fome, coisa que lhe não sucedia desde que está na Casa do Gaiato, mas dantes, sim. Mais sorte teve o Licínio, que foi comer a casa do *senhor das botas* e na mesma o Bernardiúo, que esse então é que foi! Comeu em casa do senhor Cruz de Coimbra, que o ajudou a vender livros e a arranjar assinaturas e foi *batatas e peixe e couves e pão e vinho.* O Licínio, no *senhor das botas*, foi *sopa e batatas e arroz e café.* Os da Póvoa, não quizeram levar de comer e como nada lhes dessem, eu quiz saber como foi.

—Tomamos um galão.

—Um galão de quê?

—Um galão de café.

—Oh rapaz; isso são cinco litros!

—Não senhor. E explicaram.

Eu a cuidar que sou o mestre e afinal de contas, eles é que o são. Os de Leça, não se cançam de gabar a mesa e os *senhores* aonde comem.

Despacharam 68 exemplares do nosso livro *Obra da Rua.* Esteve aqui há dias um senhor, residente no Ultramar, e disse, ao terminar a leitura do livro, que ele havia de ser conhecido de oito milhões de portugueses. Eu não quero tanto. Basta-me que o Porto o conheça. Cinco novos assinantes confiaram seus nomes e seus dinheiros aos garotos do jornal. Nove antigos, renovaram suas assinaturas. Qual será o sentir destes senhores, ao tratar assim de perto, carinhosamente, os *proscritos* de ontem?! Como a gente gosta de ver um naufrago, ainda que seja ao longe: *Olha, esteve a morrer!* E ao pé?! E ouvir a história dele mesmo, de como andava perdido e de como foi salvado?! Para gozar este contacto patronal, deu o Porto, na derradeira venda, a estes *naufragos*, a quantia de 4.076\$20. Já não se trata do pedinte do *tostãozinho*, conquanto cada um deles o tivesse sido. E' o homem honesto que vive do seu trabalho. Teen; merito. Tanto assim é, que mereceram no final da venda ir merendar ao Areinho.

## Irmãs da Caridade

Logo que haja tempo e espaço, havemos de dizer ao mundo dos leitores porque é que as irmãs da caridade não veem para a Casa do Gaiato, conforme estava combinado.

Não é luxo; é beleza. O pequenino das ruas educa-se, forma-se, acha-se. De uma vez, de sobre esta mesma varanda, tomei um rapaz que fôra dos Guindais. Acenei-lhe estes mesmos horizontes e disse, por ironia: —Nos Guindais há mais lindas vistas, não é verdade? —Dantes havia. Agora não! Sem o Belo, ninguém educa.

### UMA CARTA

Pai Américo

Venho dizer ao Pai Américo, que o pequeno que pedi, aqui na segunda-feira, para entrar para a Casa do Gaiato, é muito necessitado, visto que a mulher que o tem não o pode sustentar. Este pequeno tem 7 anos, tem a cédula, e os pais fugiram para o Brasil. Esta mulher veio hoje ao escritório pedir-me muito para que ele entre. Espero a resposta do Pai Américo para o trazer, dêste seu filho mui dedicado em Cristo Jesus, que lhe pede a bênção.

Ora vamos fazer uma pequenina meditação sobre a matéria dêste documento e cada um tome para si a resolução de amar cada vez mais a verdade.

1.º ponto. Apologia do celibato sacerdotal, feita por um ser abandonado. Não poderia jamais esta creança chamar Pai a um sacerdote, se ele, o sacerdote, tivesse constituído família. Seria da sua família. Nada teria que dar aos outros por tudo dever aos seus. Primeiro os seus. E' a lei natural. Os outros, poder-lhe-iam dever muito; nunca o nome de Pai. Que um médico salve alguém; terá a gratidão do salvado sim; mas não é mais nada do que o senhor doutor. Pai,—nunca. Glória do sacerdote, entoada por um que foi cisco: *Meu Pai!*

O celibato não vem nas tábuas da lei. Não é decreto eterno. Quem no impôs, pode levantá-lo. E' uma lei da Igreja. Meio mundo gostaria que os padres se casassem. Alguns padres, gostariam de se poder casar. Uns e outros, são da mediocridade. Os heróis não falam nem pensam assim.

2.º ponto. E' ainda a creança a falar. Ela define com todas as letras a paternidade do sacerdote:—*seu filho mui dedicado em Cristo Jesus.* Eis de como o sacerdote é pai. Eis de como ele gera filhos. Em Cristo Jesus. Gera-os no peito. Não o faz sem dôr. O que eu não tenho passado por amor dêste mesmo filho! Com mêdo que mo roubassem, dei-lhe um destino diferente daquele que hoje tem!

3.º ponto. Bom filho que é, quer ter mais

# Isto é a Casa do Gaiato

O Sapo acaba agora mesmo de chegar aonde a mim, ofegante, muito interessado: *Olhe, tudo hoje. São de hoje.* Eram 17 ovos frescos, num pequenino cesto. Não quebre, recomenda, pressuroso. Não lhe pertencem, nem talvez venha a comer nenhum, mas isso que importa? O que conta é serem os ovos fruto da sua obrigação. Para outros será mercadoria; para ele é vida. Amanhã, começa o Sapo na mesma tarefa ditosa, esquecido do que foi, inteiramente ocupado com o cantar das galinhas, às quais dá merenda de couves com farelo, a conversar: *que é do teu ovo?*

O Periquito queixou-se de que o Magala lhe come os ovos da garnizé. E queria que eu fizesse um tribunal. Não faço nada; olha agora. Que os guarde ou que faça ele o tribunal o Magala.

ESTAVAMOS hoje à mesa, quando um me veio comunicar a chegada de mais um. Está ali fora. Sai e mandei entrar. A hora não podia ser melhor e do lugar, não se fala. No final da refeição, perguntei se algum dos presentes conhecia o recém-vindo. Responde o Zulmiro que sim.

—Ele tem Pai?  
—Não senhor.  
—E mãe?  
—Tem.  
—Que é que ela faz?

O pequeno, que aparenta uns nove anos, estava ali ao pé de mim, ocupado com um prato de batatas e tomates.

—Tu conheces o Zulmiro?  
—Conheço.  
—Que é que ele fazia?

—Andava a roubar!  
Ora eis as fichas sociais feitas por eles mesmos. A nossa organização é tão perfeita, que nem precisamos das chamadas assistentes sociais com o quinto ano do liceu, muito coradinhas et coetera.

VEIO aqui um grupo deles para ir a Paredes ver um desafio de bola. Jogo da bola. Football. Era o Claudino, o Prata, o Ferreirinha e alguns mais. A minha pergunta de quem havia de ser o chefe, acode imediatamente o António: *Sou eu. Deixe-me ser chefe. Eu dou conta.* Vi logo que não estava de maneira nenhuma na presença de um chefe, mas quiz tirar a prova real e deixei-o ir. Regressaram à tardinha. Era um domingo. Não havia obrigações. Depois de ceia e na maré dos avisos, pedi contas ao chefe, estranhando, como então lhe disse, que ele as não tivesse vindo dar espontaneamente. O Chefe sai do seu lugar e começa a dizer. Nisto, levanta-se o Prata e exclama, indignado: *E' tudo mentira.* Chamei um terceiro, para o desempate: *Quem fala verdade; o chefe ou o Prata?*

—E' o Prata. O outro tem estado sempre a dizer mentiras.

Não me tinha enganado. A primeira coisa que desqualifica um chefe, é desejar sê-lo. A maior prova de não saber mandar, é querer mandar. O mentiroso tenta justificar-se, mas eu não lhe dei a palavra. Por três vezes arremeteu e outras tantas o mandei calar. Ele tinha dito o bastante. Tinha tirado o retrato a si mesmo com muita perfeição.

Estavam ali 130 testemunhas. Não há no Império tribunal tão concorrido como este nosso. Disse das qualidades que um chefe deve possuir. Denunciei os defeitos e profetizei: *tens de comer muito sal, antes de vir a ser chefe.* Começa a debandada, pelos mais pequenos. Ouve-se um surdo mentiroso que vai crescendo à maneira que os rapazes saem, e engrossa na escuridão, a caminho de suas casas: *olha o mentiroso! olha o chefe mentiroso!* No dia seguinte, um dos chefes levanta a voz para dizer que o António de Cete ficava sem merenda até segunda ordem. E está sem merenda.

A mentira! Quem há aí que não conheça esta monstruosidade? Quem há que trabalhe para a diminuir!

MAIS três que saem do ninho. Do ninho de Paço de Sousa. Da nossa aldeia. Sair do ninho, não é perdê-lo; é trabalhar fóra dele, a bem dele. São eles o Prata da Covilhã, até aqui chefe de copa. O Alfredo do Porto, chefe que era dos quartos. E o muito falado e muito conhecido Zé Eduardo, chefe do refeitório. Este está matriculado na Escola Comercial, que vai frequentar de dia. O Prata, tem emprêgo na Camisolândia e à noite vai à Escola. O Alfredo, tem lugar assegurado e não frequenta escola nocturna por ser fraquito. São três dentes mais que me saem da boca, mas como quem nos tira sou eu mesmo, a dor suporta-se. Mais me doi, se algum deles não responder. Tenho medo do Zé Eduardo! Ele prometeu este mundo e o outro. Vamos a vêr!

ANDAVA o Ernesto Pinto a ciceronear um grupo com um pequenito chegado ontem. Eu passo. O grupo aproxima-se e conversamos. Os visitantes querem saber o que faz na casa o tal pequenito.

—Não faz nada, responde, solícito, a cicerone. Não faz nada. Chegou ontem. Os que chegam de novo, andam 3 dias à solta.

Gostei daquela maneira pessoal e decisiva. Disse tudo em duas palavras, e disse com originalidade, sem aborrecer. Um viva ós cicerones da Casa do Gaiato! Pudesse a gente dizer o mesmo dos ditos dos nossos museus. Veem aqueles homens fardados colher o bilhete de entrada e somente nos largam à saída. Temos de ouvir história; história deles, por palavras gastas e aborrecidas. Oh tédio! Coisas lindas, riquezas grandes, curiosidades justas; tudo merecia mais e melhor. Mas não. Vem a farda atrás da gente: *Aqui esteve o senhor D. João V.*

OS nossos rapazes andam actualmente muito interessados na casota do cão, a qual ficou arrumada a gosto dos carpinteiros António e Amadeu. Até aqui muito bem. Mas agora temos em mão a Casa do porteiro, aonde os ditos carpinteiros andam ocupados e à qual chamam a casota do Tiro-liro. Ora o Tiro-liro, por ora, não é cão nenhum. Pode ser que o venha a ser, ou, até, que já o tivesse sido, como querem os Transformistas. Pode ser, mas o certo é que neste momento não é. E' o Tiro-liro. Vai continuar os seus trabalhos, agora melhor instalado e com mais raio de acção. Vai fechar a porta ós pobres. Quê? Sim senhor. A' horda das quintas feiras. Ao profissional, que a incúria dos que podem deixa transitar, em lugar de corrigir. Experimentei sempre muita dificuldade em explicar esta doutrina aos rapazes e agora, que estava justamente na altura de recomendar ao Tiro-liro a porta fechada, fê-lo por mim, na derradeira quinta feira, um grupo dos tais pobres. Tais coisas disseram à porta da cozinha, que inteiraram os ouvintes. Sabem agora quem eles são e porque é que os convidamos a não entrar!

A nossa vindima já foi. Não ficou ninguém em casa nem nas oficinas. A ordem do dia fóra dada: *Cada um coma o que quizer.* Não comeram até ali. Amor com amor se paga.

Os mais pequenos, foram mandados embora ao meio dia. Passava das marcas!

—Olhe que o Batata já tem a barriga um palmo fóra do natural!  
—Olhe que a gente já conta os bagos na barriga do Zé, de atestado!

Estes avisos e outros semelhantes levaram-nos a tomar aquela resolução. Isto foi numa sexta feira. No domingo seguinte, continuou a vindima... das gaias. Olhe o que eu achei! Eram gaias rabuscadas.

ESTIVERAM na nossa Aldeia Adolfo Coelho e mais pessoal do Secretariado de Propaganda a tirar retratos, como os rapazes diziam. Quizeram filmar um Tribunal. Filmaram. O Batata Nova apanhou um dos operadores a jeito e tenta surripiar-lhe uma carta da algebeira! Foi observado pelo Presidente, o Luiz de Cabeceiras, 7 anos de idade, que imediatamente o denuncia. Rui, testemunha, e juiz, o Rio Tinto, fizeram o tribunal.

Não se trata de fazer fita. Aqui em casa não há fitas; há factos. Foi o caso mais triste que jamais apareceu no meio de nós. Um pequenino de cinco anos a meter a mão na algebeira de um senhor, com intenção de roubar. Ele, que não precisa de nada! Tem aqui tudo! O que a Rua ensina, meu Deus e Senhor! Dizem que o filme vai correr mundo.

Quem dera que o público saiba bater no peito!

## ASSINATURAS PAGAS

Quantas cartas como esta, a dizer, por outras palavras a mesma coisa!

Junto a esta segue uma nota de 50\$00 para pagamento de um ano do jornal "O Gaiato". Não quero alongar-me em considerações. Mas não quero deixar de dizer que estou muito grato a quem deu o mau nome para o jornal me ser enviado, pois que me proporcionou horas de prazer espiritual que eu não sei descrever.

Este assinante não sabe quem é que deu seu nome. Gosa o prazer espiritual da leitura e agradece ao anónimo benfeitor. Os atrasados, continuam a chegar com suas ofendidas, em ar de penitentes. Não é preciso tanto! Os pontuais respondem com alegria. Uns e outros, andam agora muito apumadinhos na questão dos vales; tudo para Cete. Sim senhor! Só há dias um é que tresmalhou e foi para Paços de Ferreira, mas isto é raríssimo. De resto, a perfeição total não se atinge na terra.

Mas há um ponto aonde eu quero chegar, a bem da Obra da Rua. São os nomes e as terras. Sucede que estes não veem, por vezes, completos. E aquelas, não são os próprias, mas sim as eventuais, aonde os assinantes estão em férias, de modo que o Cachimbo refila: *Não está cá este nome.*

Que vamos então fazer para não aturar o Cachimbo? Vamos pedir aos assinantes que nos mandem uma cinta do jornal, no dia em que resolverem cumprir. Valeu?

Francisco Pacheco de Almeida, 50\$; Armando Marques Gomes, 50\$; Eva Ferreira da Silva, 50\$; António Gouveia, 50\$. Todos de F. da Moura-Porto.

António Nunes de Freitas, Lousada, 20\$; Dr. Henriques da Costa Braz, Angra do Heroísmo Ilha Terceira-Açores, 50\$; Agostinho Moreira, Pia Várzea-Lousada, 20\$; Antero Ferreira de Magalhães, Casa da Leira-Caide, 50\$; Clemente Ribeiro de Bessa, Lousada, 20\$; António Meireles, Monte Pedroso-Lousada, 20\$; P.º Artur Teixeira da Fonseca, Cristeloso-Lousada, 20\$; Emílio Loubet, Porto, 50\$; Joaquim de Oliveira da Silva Monteiro, S. Paio de Vizela, 20\$; Manuel Martins Borges, Tábua, 50\$; Maria Luísa Lourenço de Oliveira, Portimão, (2 anos), 40\$; Américo Bento das Neves, Lisboa, 50\$; Paulina Geraldes Nogueira Godinho, Covilhã, 50\$; Mário Correia, Évora, 30\$.

Viscondessa de Beberdo, Aldeia de Paio Perez, 30\$; António Pereira Caetano Morais, Lisboa, 50\$; Maria de Lourdes Parreira Pena, Pespagóvas—Lourinhã, 50\$; Dr. Manuel de Almeida Vasconcelos, T.º Velho, 20\$; Maria Amélia Rebelo Carneiro de Sousa Pires, Montemor o Velho, 50\$; P.º Luciano Pereira de Carvalho, Pamplhosa da Serra—Cabil, 50\$; D. Maria do Pranto Rosa Lopes, Lameas—Miranda do Corvo, 50\$; Diamantino Correia dos Reis, Porto, 30\$; Rufino Vieira, Porto, 30\$; D. Maria Júlia Passanhade Vilhena Pereira, Lisboa, 40\$; Claudino Pinto, 20\$; António Armando Ferreira de Castro, 50\$; Manuel Teixeira da Fonseca, 50\$; Miguel José Fernandes, 50\$; Abílio Marques, 10\$; José Marques Cerdeira, 10\$. Todos do Porto.

Abílio Sobral, Leça da Palmeira, 30\$; Amélia Belo, Lisboa, 20\$; Leonardo Ferreira, Porto, 50\$; D. Maria Angélica Paupério Marques dos Santos, Valongo, 50\$; D. Piedade de Oliveira, Cruz do Lobão—Vila da Feira, 10\$; José Bento Ramos, Porto, 50\$; Visconde Britlande, Rezende, 20\$; Francisco Pulido Garcia, Serpe, 20\$; Genevieve Douglis Carvalho, Porto—Ermezinde, 30\$; José

Maria Afonso de Carvalho, Fundão, 20\$; José dos Santos Prates, Fundão, 20\$; José de Oliveira Santareno, Fundão, 15\$; Mário Augusto Ferreira da Costa, Lorde de Paredes, 25\$; Dionísio Cortez, Porto, 30\$; D. Maria Anélia Vasconcelos, Cogular Trancoso, 50\$; Dr. Francisco Adriano da Silva Tavares, Rio Tinto, 20\$; António Luiz Duarte Ribas de Menezes, Cide, 200\$; Dr. José Ferreira da Trindade, Monsanto, 70\$; Lídia Fernandes, S. João da Madeira, 25\$; Manuel Azevedo Araújo, S. João da Madeira, 25\$; D. Laura Amorim Nogueira, Espinho, 30\$; D. Arminda Soares Leal Paredes, (2 anos) 50\$; João Ventura, 30\$; Mário Alves, 30\$; Mário Alves Ferreira, 30\$; Fausto Pinto Leite, 30\$; Armínio Rebelo, 30\$; José Macedo Amorim, 30\$; Manuel Paulino de Sousa, 30\$; António Gonçalves Lameira, 30\$; Américo Fernandes, 30\$; José Jesus Silva, 30\$; Manuel Gouveia Neves Baptista, 30\$; Viginio Baptista, 30\$; Joaquim Arriaga Almeida, 30\$; José Moreira Reis, 30\$; Augusto Dias Carneiro Saldanha, 30\$; Aurélio Duarte Vaz, 30\$. Todos do Porto.

Manuel Ferreira da Roche, Rio Tinto, 30\$; Abelino Gonçalves Santos Jor., Moreira da Maia, 30\$; Edmundo Carneiro da Silva, Ped. A'guas Santas, 30\$; Albino Gomes, Porto, 30\$; Joaquim da Assunção F. Moura, Porto, 30\$; Manuel Ferreira da Costa, Ermezinde, 30\$; Norberto Gonçalves, 30\$; Manuel Silva, 30\$; António Passos Viana, 30\$; Raúl Varela, 30\$; Francisco Teixeira, 30\$; Joaquim Mário Couto Moreira, 30\$. Todos do Porto.

Miguel Mendes, Maia, 30\$; Manuel Ferreira Morais, 30\$; Manuel José Moreira, 30\$; Daniel Ferreira, 30\$. Todos do Porto.  
Bernardino dos Santos, Lisboa, 1.º semestre, 20\$; Angelo Pinheiro Caldeira, 50\$; José Pine, 40\$; Dário José Pinto do Carmo, 20\$. Todos de Elvas.

Joaquim Silveira, Lisboa, 50\$.

Continua.

## Crónica do Lar do Porto

Rua D. João IV, 682

O nosso tribunal tem estado muito concorrido. Preside e interroga sempre o Júlio que é o nosso chefe. Foram julgados: o Avózinha, o Poupá, o Rui e o Virgílio. O Avózinha por ter uma colecção de blusas na Padaria Cunha onde trabalha. Se não fôsse o Carlos, que também trabalha na mesma casa, as não trouxesse ainda hoje lá estavam. Chegava a casa pegava numa blusa deixava-a lá. Vinha para casa levava outra. E assim sucessivamente. O Poupá é como a pèga, tudo o que encontra lhe chama seu. Faltaram a mim, um lenço, ao Prata umas meias, ao Amândio um livro de missa com santinhos. Nada apareceu. Fez-se uma busca. Na repartição do Poupá apareceu uma caixa com coisas de muitos rapazes que já estavam no rol do esquecimento. Poupá foi castigado, também por ter deitado fora, no dia da venda, alguns jornais para vir mais depressa para a brincadeira.

O Rui é o réu mais assíduo. Foi castigado em não brincar mais até ao fim do mês por estar a jogar cartas na hora do trabalho.

O Vergílio foi castigado por ter escondido um fato de banho entre o colchão da cama. E de mais a mais o fato não era dele.

—O Avózinha teve um desastre no trabalho. Ficou com uma mão entalada na máquina de alisar a massa para os bolos. Anda em tratamento na Mutual, e está em casa.

—O Patareco ou antigo Cachopos, tem-nos partido todos os objectos que nós temos debaixo da cama para nos servirmos de noite. Temos portanto de pedir emprestado uns aos outros. Se não nos acodem daqui a pouco não temos nenhum objecto para nos servirmos.

—Estivemos nos dias 5 e 6, sábado e domingo, a meditar nos nossos defeitos auxiliados pelo Snr. Padre Umberto que nos deu um verdadeiro curso das verdades morais e dos deveres que devemos ter com a sociedade e com Deus. Ainda não assentamos o apelido que lhe havemos de pôr. Uns chamam-lhe o Padre, «e depois,» outros o Padre Cerejeira, em virtude duma história que ele nos contou, da sua vida.

O crónista

JOSÉ EDUARDO